Bahvṛca Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 107*. Śākta)

Bahvṛca quer dizer ‘alguém familiarizado com o Ṛgveda, um sacerdote dele ou o sacerdote Hotṛ que o representa nas cerimônias sacrificais’. – Monier-Williams. Então esta é ‘a Upaniṣad daquele que conhece o Ṛgveda’. Nem seu autor nem sua data de composição são conhecidos.

Esta tradução vem da tradução em inglês de A. G. Krishna Warrier, publicada por *The Theosophical Publishing House*, Chennai.

As notas e os termos entre colchetes são inclusões minhas.

Eleonora Meier.
Outubro de 2016.

Esse arquivo foi atualizado em dezembro de 2016 para a inclusão das notas e dos subtítulos da tradução em inglês.

E. M.

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento vêdico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

* Da lista da *Muktikopaniṣad*, que nos versos 30–39 enumera 108 Upaniṣads.

A essência do Poder da Consciência

1. Om. A Deusa[1] era de fato uma no início. Sozinha ela emitiu o ovo do mundo. (Ela) é conhecida como Parte do Amor (= *īm*)[2]. (Ela) é conhecida como o meio instante silábico após Om[3].

O Poder da Consciência é a causa de tudo

2. Dela Brahmā nasceu, Viṣṇu nasceu, Rudra nasceu. Todos os deuses do vento [*marudgaṇā*, as tropas de Maruts] nasceram, os menestréis celestes [gandharvas], ninfas [apsaras], seres semi-humanos que tocam instrumentos [kiṃnaras], nasceram (dela), por toda parte. O que é desfrutado nasceu; tudo nasceu (dela). Tudo de Poder nasceu (dela). Os nascidos do ovo, nascidos do suor, nascidos de semente, os nascidos do ventre, tudo o que respira aqui, os fixos bem como os que se movem e o homem nasceram (dela).

A contemplação do Poder da Consciência como o mundo e os sentidos

3. Ela, aqui, é o Poder Supremo. Ela, aqui, é a ciência de Śambhu[4], (conhecida) ou como a ciência [vidyā] que começa com ka[5], ou como a ciência que começa com ha[6], ou como a ciência que começa com sa[7]. Ela é o Om secreto [Nirguṇa Brahman] baseado na [ou dentro da] palavra[8] Om.

---

[1] Devī ou a Deusa é nesta passagem identificada com Om, o símbolo tanto do Nirguṇa Brahman quanto do Saguṇa Brahman [ou seja, do Brahman sem qualidades e com qualidades]. Om, como tal, é a causa materna do mundo, e o que é identificado com ele, isto é, a Deusa, é também consequentemente descrito como a causa do mundo.

[2] [Veja o § 6 da nota 7].

[3] [O termo] *Śṛṅgārakalā* [*śṛṅgāra* = amor (como 'o cornudo' ou 'o forte') paixão sexual ou desejo ou prazer, e kalā = (em prosódia) um instante silábico] é explicado como o que segue o Om, são os 'chifres' ou 'picos' por assim dizer do substrato plano na Realidade. Sua ponta ou *aram* é a meia-sílaba que se supõe que segue o Om, com o qual a Deusa é identificada.

[4] Śambhu significa Deus, a fonte do Bem. Deus como Śambhu é considerado o Mestre de todas as ciências ou *vidyās*.

[5] A ciência que começa com *ka* é *ka e ī la hrīm.*

[6] A ciência que começa com *ha* é *ha sa ka ha la hrīm.*

[7] A ciência que começa com *as* é *sa ka la hrīm.* Essas três são fragmentos separados da ciência integral de cinco sílabas formada por unir todas elas.

["O Śrīvidyā-mantra é conhecido sob três formas: *kādi* (que começa com *ka*), *hādi* (que começa com *ha*), e *sādi* associados a Śri Manmatha, Lopāmudrā e Durvāsā respectivamente. O mantra é dividido em três partes, que representam três seções (*kūṭa* ou *khaṇḍa*) da imagem da Deusa: *vāgbhavakūṭa*, *kāmarājakūṭa* e *śaktikūṭa*.

A *kādividyā* de Śri Manmatha: *ka e ī la hrīm* (vāgbhavakūṭa)
ha sa ka ha la hrīm (kāmarājakūṭa)
sa ka la hrīm (śaktikūṭa)

A *hādividyā* de Lopāmudrā: *ha sa ka la hrīm* (vāgbhavakūṭa)
ha sa ja ha la hrīm (kāmarājakūṭa)
sa ka la hrīm (śaktikūṭa)

A *sādividyā* de Durvāsā: *sa e ī la hrīm* (vāgbhavakūṭa)
sa ha ka ha la hrīm (kāmarājakūṭa)
sa ka la hrīm (śaktikūṭa)

O estudioso do séc. XVIII Bhāskarāya afirmava que o Śrīvidyā-mantra é aludido no Ṛgveda 5.47.4 onde é dito: *catvāra īṃ bibharti kṣemayantaḥ*, 'aquele com quatro *īṃs* confere benefício'. O *kādi* mantra (*pañcadaśākṣarī)* tem quatro vogais ī longas. Segundo alguns, o mantra de dezesseis sílabas (*ṣoḍaśākṣarī)* é obtido por acrescentar a sílaba-semente (*bījākṣara*) *śrīṃ* ao mantra de quinze sílabas". – Subhash Kak, *A Grande Deusa Lalitā e o Śrī Cakra*].

[8] *Om vāc* no texto denota o reino das palavras gerado pelo Om. O primeiro Om no texto denota a Deusa como identificada com o Nirguṇa Brahman, como tal, ela vive no reino das palavras como seu *vācya* ou significado.

4. Permeando as três cidades [Tripura[9]], os três corpos[10], iluminando por dentro e por fora, Ela, a Consciência interna, torna-se a Mahā-Tripura-Sundarī, estando associada com o espaço, o tempo e os objetos.

O Poder da Consciência é não-dual

5. Só Ela é Ātman. Diferente dela é a inverdade, não-eu. Por isso Ela é a Consciência de Brahman, livre (até) de um traço de ser e não-ser. Ela é a Ciência[11] da Consciência, Consciência não-dual de Brahman, uma onda de Existência-Consciência-Beatitude [saccidānanda]. A Beleza das três grandes cidades, penetrante por fora e por dentro, é resplandecente, não-dual, autossubsistente. O que é, é pura Existência; o que brilha é pura Consciência; o que é estimado é Beatitude. Então aqui está a Mahā-Tripura-Sundarī que assume todas as formas. Você e eu e todo o mundo e todas as divindades e tudo além disso é a Mahā-Tripura-Sundarī. A única Verdade é a coisa chamada 'a Bela'. Ela é o Brahman não-dual, total, supremo.

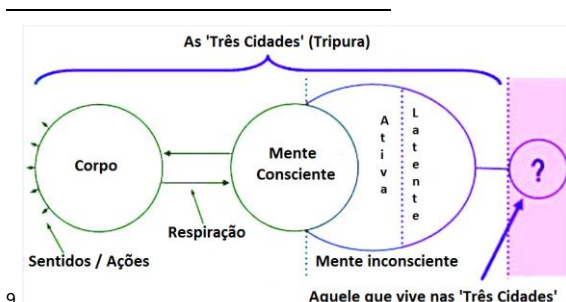
6. A forma quíntupla[12] abandonada, e os efeitos[13] como o espaço transcendidos, resta o único, o grande ser, a Base suprema, a única Verdade.

Contemplação da Unidade da Consciência interna e suprema

7. É declarado que 'Brahman é Consciência' ou que 'Eu sou Brahman'. Em diálogo é dito: 'Tu és Aquilo'; ou 'Este Ātman é Brahman'; ou 'Eu sou Brahman'; ou 'Eu sou Brahman sem par'.

8. Ela que é contemplada como 'Aquilo que eu sou' ou 'Eu sou Ele' ou 'O que Ele é aquilo eu sou', é a Ṣodaśī, a Ciência de Śrī [Śrīvidyā], a (ciência) de quinze sílabas [Pañcadaśākṣarī], a sagrada Mahā-Tripura-Sundarī, a Virgem, a Mãe, Bagala, a Mātaṃgī, a auspiciosa que escolhe o seu próprio parceiro, a senhora do mundo, Cāmuṇḍā, Caṇḍā, o Poder do Javali, Aquela que encobre, a régia Mātaṃgī, escura como um papagaio, levemente escura, montada em um cavalo; oposta a Aṅgiras [Pratyaṅgirā]; de estandarte de fumaça [Dhūmāvatī]; Poder de Sāvitrī, Sarasvatī, Gāyatrī, parte de bem-aventurança brâmica.

Só Brahman deve ser conhecido principalmente

9. Os cânticos de louvor habitam a esfera mais alta, onde habitam todos os deuses; com Ṛc o que fará aquele que não sabe isso? Aqueles que conhecem isso bem, eles vivem todos bem; esta é a ciência secreta.

9

Fonte: Bahvricha Upanishad. Disponível em < http://www.swamij.com/upanishad-bahvricha.htm >, consultado em 06/10/2016.

10 Os três corpos são o grosseiro, o sutil e o causal, com relação ao indivíduo e à sua contraparte cósmica.

11 *Vidyā* do começo ao fim foi traduzida como 'ciência' assim como *avidyā* é necedade.

12 A forma quíntupla parece significar a suprema causa do mundo em relação às funções cósmicas de criação, sustentação, retração, supressão de todas as relatividades e reserva de sementes para outra criação cósmica. Os aspectos divinos envolvidos são chamados de Dhātṛ, Hari, Rudra, Īśa, Sadāśiva.

13 *Arva* no texto significa 'efeitos', isto é, os cinco elementos como *ākāśa*, *vāyu*, etc. e seus compostos grosseiros.

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento vêdico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

Aqui termina a Bahvṛcopaniṣad, incluída no Ṛgveda.